



Presentes para os campeões

Heródoto Barbeiro (*)

Ninguém é contra as homenagens para a seleção canarinho na Copa do mundo.

A população comemora as vitórias e o reconhecimento do Brasil como a terra do futebol. Todos sabem de cor o nome dos valentes atletas e comemoram as vitórias contra equipes consideradas as mais importantes do mundo. Principalmente as seleções europeias. O orgulho nacional vai além das vitórias no campo – é a recuperação do orgulho nacional, tão maltratado pelas avaliações que são difundidas pela imprensa mundial.

Baixo índice educacional, atendimento precário da saúde, ampla maioria sem esgoto ou tratamento sanitário. E o que mais magoa os moradores da terra tupiniquim é o Brasil ser considerado um dos países com maiores índices de corrupção. Há uma associação entre políticos, empreiteiras e empresas estatais. A performance nos campos de futebol pode desviar o noticiário para outros rumos que não as críticas e denúncias.

Há uma controvérsia entre governantes de diversos níveis de como premiar os jogadores. Começa na presidência da República e chega aos cofres dos municípios. Os exemplos anteriores, quando o Brasil ganhou Copas do mundo, se resumiram em desfile pelas ruas da capital do país em carro de bombeiros, passagem pelas principais avenidas das grandes cidades, multidão no aeroporto e povo nas ruas.

A comemoração é tão grande que todos param de trabalhar durante a passagem do cortejo, e dos escritórios são jogadas toneladas de papel picado. Lembra a festa de Nova York com o fim da Segunda Guerra Mundial! Escolas têm as aulas

suspensas e o funcionalismo é abençoado com a decretação de mais um ponto facultativo. A vitória é explorada pelo governo central como um verdadeiro renascimento, um momento mágico capaz de encobrir os maus resultados no avanço das políticas sociais.

Não faltam canções, sorrisos, camisas amarelas, e cara pintada de verde-amarelo. Jovens e adultos ficam juntos. A direita e a esquerda também.

Os craques da seleção canarinho, depois de uma parada na capital do Brasil, são convidados pela prefeitura de São Paulo para receberem uma premiação mais do que merecida pelo sucesso da jornada. As montadoras de veículos se concentram no estado de São Paulo e nada mais justo que eles recebam como mimo um carro de presente. O prefeito da capital, Paulo Maluf, prepara uma grande festa e encomenda 25 Fuscas verde-musgo, zerinho-zerinho como diz o animador Silvio Santos. Um para cada craque.

Todos os carros são distribuídos entre jogadores e comissão técnica. A cor verde até lembra que o Brasil é dirigido por uma ditadura militar. Nada acontece por acaso. Sobre o porta-malas do Fusca uma dúzia de rosas vermelhas; no parabrisa traseiro, além do emblema da concessionária – não se perde uma possibilidade dessas – um plástico em que se lê “Brasil, ame-o ou deixe-o”. O custo vai parar no bolso do pagador de IPTU, avaliado em aproximadamente 4 milhões de reais. O ponta-direita Jairzinho confessa que é o primeiro carro de sua vida. Começa um processo contra o prefeito que vai se arrastar por 36 anos, até ser inocentado.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrasil, colunista do R7, do Podcast. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube (www.herodoto.com.br).

News@TI

Edge UOL lança nova geração de nuvem híbrida

O setor de tecnologia da informação vive um momento de reavaliação estratégica do uso de nuvens públicas. Com orçamentos comprometidos, falta de flexibilidade contratual e volatilidade cambial, uma tendência tem se consolidado entre os executivos de TI: a busca por arquiteturas híbridas e a repatriação de workloads críticos para nuvens privadas locais. De acordo com um estudo do Barclays, 86% dos CIOs de grandes organizações planejam migrar pelo menos algumas cargas de trabalho da nuvem pública de volta para a nuvem privada ou infraestrutura local, visto que o formato puramente público – baseado em despesas variáveis – tem se mostrado financeiramente oneroso no longo prazo (cloud.edge.uol/conheca).

Brasil supera a marca de 750 mil trabalhadores em TI

Os trabalhadores em tecnologia da informação no Brasil totalizam 750.485 profissionais. Nos últimos doze meses a taxa de variação é positiva em 3%. E somente em 2026 o acumulado nos primeiros quatro meses foi de 3,4%. Os dados estão na Pesquisa de Emprego em Serviços desenvolvida pela CNS/FESESP/SEPROSP com base em dados do sistema RAIS-CAGED do Ministério do Trabalho e Emprego e informações do INSS. São Paulo representa 38,9% do total de empregos no país, correspondente a 291.697 postos. Rio de Janeiro detém 8,6%, 65.545 postos. Minas Gerais 9,6%, 72.379 postos. E Santa Catarina 8,2%, 61.717 postos.

Geoengenharia é uma intervenção intencional e planejada, com uso de tecnologia, nos sistemas naturais da Terra.

Vivaldo José Breternitz (*)

Há alguns dias, as autoridades deram sinal verde a um projeto de geoengenharia que pode transformar radicalmente nossa relação com a noite. A protagonista é a Reflect Orbital, startup californiana que recebeu autorização para colocar em órbita o Eärendil-1, primeiro satélite experimental projetado para refletir a luz solar para a Terra durante períodos de escuridão. À época da União Soviética, falava-se em fazer algo similar para iluminar a Sibéria no inverno, mas essa ideia nunca prosperou.

Batizado em homenagem a um personagem de J.R.R. Tolkien, o Eärendil-1, orbitando a 625 km de altitude, usará um espelho quadrado com cerca de 18 metros de lado para redirecionar raios solares a pontos específicos do planeta. O feixe projetado poderá iluminar áreas com cerca de 6 quilômetros de diâmetro, em um modelo de negócio descrito pela empresa como “luz solar sob demanda”.

O lançamento está previsto para o próximo semestre e servirá como teste para avaliar a viabilidade técnica antes de colocar em órbita uma constelação de espelhos.

A Reflect Orbital aposta em usos práticos: iluminar zonas de desastre para facilitar o trabalho de socorristas, acelerar obras de



infraestrutura sem depender de iluminação artificial ou até prolongar a atividade de parques de geração de energia solar após o pôr do sol.

A comunidade científica vê riscos sérios na ideia. A American Astronomical Society e o European Southern Observatory classificam o projeto como uma ameaça para a astronomia, alertando que a claridade artificial pode inviabilizar observações de outras galáxias. Ambientalistas também denunciam impactos potenciais nos ecossistemas: aves, insetos e animais noturnos podem ser desorientados pela alteração dos ciclos naturais de luz e escuridão.

Faz sentido investir em app personalizado de e-commerce?

Durante muito tempo, o aplicativo de e-commerce foi tratado como uma extensão do site mobile, muitas vezes construído a partir de templates prontos e com foco principal em velocidade de implantação. Um modelo que funcionou enquanto o app era mais um canal de presença digital. Mas, nas operações de app commerce mais maduras, essa lógica já não se sustenta. O aplicativo passou a ter impacto direto em receita, retenção e recorrência, o que muda completamente o nível de exigência sobre ele.

O problema é que muitos desses aplicativos ainda são confundidos com personalização quando, na prática, entregam apenas variações superficiais de interface. Alterações de layout, cores e módulos não significam controle real de experiência. Em estratégias de mobile commerce, personalização de verdade envolve capacidade de desenhar jornadas, testar fluxos, ajustar regras comerciais e integrar o app de forma profunda ao ecossistema de dados e operação da empresa. Quando isso não existe, o aplicativo deixa de ser um ativo estratégico e passa a depender de decisões e limitações externas.

Essa dependência surge com mais força quando a operação começa a evoluir. O que antes parecia suficiente gera fricção. Mudanças simples exigem filas de desenvolvimento, testes levam mais tempo do que deveriam e a evolução da experiência fica condicionada a um roadmap que não pertence à marca. Em um ambiente de varejo digital competitivo, a perda de velocidade tem impacto direto na conversão e retenção.

Por outro lado, a alternativa de desenvolver um aplicativo totalmente sob medida também não resolve o problema de modo universal.



Guilherme Martins

Embora ofereça controle total, costuma trazer alto custo inicial, maior complexidade de manutenção e ciclos mais longos de evolução. Na prática, muitas operações acabam presas entre dois extremos, onde soluções prontas demais limitam crescimento e soluções totalmente customizadas dificultam escalar.

O ponto central não está em escolher entre um ou outro modelo, mas em encontrar uma arquitetura de app commerce que permita velocidade com autonomia. Um aplicativo eficiente precisa nascer rápido e evoluir continuamente com o negócio, sem depender de intermediação constante para ajustes relevantes.

É essa autonomia que define o impacto real do app no resultado. Em conversão, pequenas

Mas a Reflect Orbital promete dialogar com cientistas e estabelecer “zonas de exclusão” para mitigar os efeitos do Eärendil-1. O plano da empresa é ambicioso: lançar dois satélites ainda este ano e chegar a 36 unidades em 2027.

Se o projeto prosperar, o céu noturno poderá ganhar novos “mini sóis” artificiais, e com eles, uma intensa disputa entre inovação tecnológica, ciência e meio ambiente.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

fricções acumuladas no mobile fazem diferença direta na taxa de compra. Em retenção, o aplicativo permite criar um ambiente contínuo de relacionamento, com comunicação mais contextual e maior frequência de recompra. E, no mix de canais, a relevância do app depende justamente da capacidade de evoluir e testar com rapidez. Quando isso não acontece, ele tende a estagnar.

Modelos baseados em templates fechados entregam velocidade inicial, mas criam um teto de evolução difícil de romper. À medida que a operação amadurece, qualquer ajuste dependerá de terceiros, o que reduz a capacidade de resposta do negócio. Já soluções simplificadas podem funcionar em estágios iniciais, mas dificilmente sustentam a complexidade de operações maiores.

Por isso, a avaliação de um aplicativo não deveria se basear somente em métricas de instalação ou adoção inicial, mas na sua capacidade de gerar impacto incremental em receita, recorrência e eficiência operacional. Um app que melhora a conversão, mas não permite evolução rápida, perde valor ao longo do tempo.

Portanto, o que diferencia um bom aplicativo em uma estratégia de mobile commerce não é o conjunto de funcionalidades, mas o potencial de acompanhar a operação sem criar dependência estrutural a cada mudança. Quando o app evolui no ritmo do negócio, ele deixa de ser um canal isolado para se tornar parte central da estratégia comercial, contribuindo para o crescimento do varejo digital.

(Fonte: Guilherme Martins é cofundador da Eitri, plataforma que construiu a terceira geração de app commerce SaaS no Brasil - E-mail: eitri@nbpress.com.br).

Diploma rápido vira estratégia de carreira e impulsiona crescimento dos tecnólogos

Os cursos superiores de tecnologia, conhecidos como tecnólogos, avançaram no ensino superior brasileiro e passaram a ocupar um espaço entre profissionais que buscam diploma em menos tempo, aumento salarial e recolocação no mercado. Dados do Censo da Educação Superior mais recente, divulgado pelo Inep e pelo Ministério da Edu-

cação, mostram que os cursos tecnológicos seguem entre os formatos que mais crescem no EAD, principalmente entre estudantes acima dos 25 anos.

Para Tiago Zanolla, professor e especialista em educação e carreiras e fundador da Ufem Educacional, plataforma de educação 100% digital, a mudança no perfil dos alunos acele-

rou a procura por formações mais objetivas e alinhadas ao mercado de trabalho. “Hoje existe uma grande parcela de adultos que não consegue parar quatro ou cinco anos para estudar. O tecnólogo passou a ser visto como uma alternativa viável para quem precisa do diploma para crescer profissionalmente, disputar concursos ou mudar de área”, afirma.